

Memórias de Paraibuna

José Deia

Paraibuna, junho de 2014

PRODUÇÃO E EDIÇÃO

Instituto Chão Caiçira Malvina Borges de Faria

Presidente Rodrigo

Paraibuna - SP - www.tvchaocaipira.com.br

Coordenação - João Rural

Digitalização - Patrícia Suzuki Fernandes e Ana Flávia Prado

Renó,

Revisão - Patrícia Suzuki

Diagramação - João Rural e Patrícia Suzuki,

INSTITUTO ChãoCaipira

“Malvina Borges de Faria”

Ao mesmo tempo, a cultura caipira vive dois momentos. Enquanto alguns ainda teimam em ignorar seu valor, muitos estão procurando conhecer a importância desse comportamento. E isso está levando nossos caboclos a saírem de suas tocas e nos mostrarem toda a originalidade que guardaram durante anos. Tempo em que o preconceito era geral.

Pensando nisso, é que desde novembro de 2010 Paraibuna conta uma OSCIP - Organização da Sociedade Civil de Interesse Público, devidamente aprovada pelo Ministério da Justiça.

A entidade criada pela família Faria e amigos está preparando vários projetos visando o registro, resgate e fortalecimento da cultura Caipira em todo o Vale do Paraíba.

Está qualificada para receber da sociedade civil, jurídica ou pública, incentivos financeiros destinados a realização de projetos.

Dentre os projetos, um já está no ar: é a TV Chão Caipira, que surge com uma proposta inovadora na comunicação regional.

Em princípio a TV, que está no ar desde 1 de abril de 2010, está apresentando reportagens de vários temas do arquivo pessoal de João Rural.

A perspectiva é de que, conforme os projetos em andamento, passe a produzir novidades da cultura regional.

BOM DIA

Quando você se levantou pela manhã, eu já havia preparado o sol para aquecer o seu dia e o alimento para sua nutrição. Sim, eu providenciei tudo isso enquanto vigiava e guardava seu sono, a sua família e a sua casa. Esperei pelo seu Bom Dia, mas você se esqueceu. Bem, você parecia ter tanta pressa que eu perdoei! O sol apareceu, as flores deram o seu perfume, a brisa da manhã o acompanhou e você nem pensou que eu é que havia preparado tudo para você.

Seus familiares sorriram, seus colegas o saudaram, você trabalhou, viajou, realizou negócios, alcançou vitórias, mas... Você não percebeu que eu estava cooperando com você e, teria ajudado mais se tivesse me dado uma chance...

Eu sei, você corre tanto que eu perdoei! Você leu bastante, ouviu muita coisa, viu mais ainda e não teve tempo de ler ou ouvir a minha palavra. Eu quis falar, mas você não parou para ouvir. Eu quis até aconselhar-te, mas você nem pensou nessa possibilidade. Seus olhos, seus pensamentos, seus lábios seriam melhores. O mal seria menor e o bem muito maior em sua vida. A chuva à tarde, foram minhas lágrimas por sua ingratidão, mas foram também a minha benção sobre a terra para que não te falte pão e água.

Você trabalhou, ganhou dinheiro que não foi mais porque não me deixou ajudar. Mais uma vez você se esqueceu que eu desejo sua participação no meu reino com sua vida, seu tempo, seus talentos e seu dinheiro também. Findou o dia. Você voltou para casa. Mande a lua e as estrelas tornarem a noite mais bonita para lembrar-te o meu amor por você. Certamente vai Me agradecer Me dar um Boa Noite...

Já dormiu? Que pena. Boa noite, durma bem. Eu ficarei velando por você. Jesus

OFERECIMENTO

Ofereço esse Livro aos meus filhos Marcio, Márcia, Claudia – in memória, Carla e Teresa, pelo carinho, ajuda, incentivo e muito amor, que foi bem mostrados em toda minha vida. Também aos sempre lembrados, os meus bisnetos.

AGRADECIMENTO

Ao Instituto Chão Caipira, na pessoa do meu grande amigo João Rural e toda sua equipe, que me deram condições para publicar esse livro.

NOSSA CIDADE

No alto da serra verdejante, surge tímida na encosta uma cidade, sob o belo céu azul fulgente, de estreitas ruas e pessoas de todas as idades. Lá no alto, a Matriz de Santo Antônio, tem a sua cruz rumo ao firmamento, com o suor devoto dos fiéis erguida, onde elevamos a fé em prece e pensamento.

As águas mansas do seu belo rio, serpenteando em curvas pelo vale enorme, inundando as margens, fugindo do seu leito, ora raso, fundo, estreito e disforme.

Na praça o coreto, o jardim e a Matriz, onde a gente reza prece ao Criador, rogando a Ele que faça o mundo mais feliz, que aqui reinem a paz, a justiça e o amor.

Paraibuna, é a ti que me refiro, vejo-te bela, alegre e elegante. Cidade musa é em ti que me inspiro. És alegria de calor irradiante. Eras apenas a mata agreste no passado, mas muitos vultos fizeram tua história. O teu sucesso é um símbolo, um mérito, deves a eles teu progresso, tua glória. Como é bom quando tua gente irmana em teus festejos, vejo só felicidade, de todos os lábios o mesmo sorriso emana, e ficas mais doce e bela ó meiga cidade. Cidade mestra que forja tua mocidade, na têmpera do amor, da fé e da altivez. Livre de orgulho, do vício e da maldade, do ódio cego da paixão e da insensatez. Tu és princesa, és cidade jardineira, gentil, risonha, tu és muito formosa, que acolhe a todos afável, hospitaleira, em um jardim florido de cravos e de rosas. Quero ver-te sempre humana e progressista como uma linda noiva de grinalda e véu para que aos teus encantos ninguém resista vestida por Deus, ornada pelo céu.

MEMÓRIAS DE PARAHYBUNA

Uma história que mostra os bastidores de Paraibuna no passado, como agiam os coronéis o povo e políticos de antigamente.

Somente conhecemos nomes dos coronéis, mas não sabemos os seus atos, como eles faziam para garantir os seus títulos e poder sobre seus servos.

Pesquisamos a vida das donzelas as meninas e os jovens de antigamente. Descobri também os atos e como agiam alguns Coronéis. Quando falamos em coronéis, não são somente os conhecidos, mas todos os poderosos da época com vários títulos e poder econômico no passado. Paraibuna é uma cidade rica em nomes de poderosos e alguns deles tiveram cargo importante no país inteiro como “Francisco Antônio de Andrade” que chegou a ser Presidente da República e hoje empresta seu nome para Ladeira do Mercado. Temos tantas pessoas importantes dando nomes às ruas, e a maioria não será divulgada para evitar erros e enganos, mas todos deverão ser respeitados e jamais deverão ser trocados. Coronel Eduardo José de Camargo será o primeiro homenageado. Tem o seu nome na principal rua da cidade, a Rua do Meio, hoje um Calçadão. Nada mais justo. Coronel Eduardo foi uma Pessoa importantíssima, com uma inteligência rara e uma capacidade administrativa sem precedente, chegando a ser contado pelos seus amigos da época que Deus deu a Ele o maior dom que uma pessoa poderia ter, era uma pessoa inigualável e sem precedente em qualquer parte do mundo. Coro-

nel Eduardo nasceu no dia 25 de novembro de 1867, como homem conseguiu ser tão importante que não existe até o momento outra pessoa igual. Tudo que existia na Cidade na sua época tinha o seu dedo e suas preciosas ideias. Formou seu caráter no seminário Episcopal de São Paulo, matriculou-se na Escola Normal da Capital tornando-se um aluno brilhante, mostrando sua famosa inteligência. Foi professor e no final Diretor do Grupo Escolar Dr. Cerqueira Cesar, onde deixou o seu cargo em 1917, quando passou a ser, um grande Lavrador e Empresário. Como empresário, criou e construiu a Empresa de Força e Luz Paraibunense. Que durou até a década de 60 quando foi vendida para Comepa, Companhia Melhoramento de Paraibuna, criado para construir as barragens do Rio Paraibuna e do Rio Paraitinga, criando depois a Cesp, Centrais Elétrica de São Paulo. Construiu uma Fábrica de Meias, onde é hoje a Fundação Cultural, uma Fábrica de Seda, onde é hoje a Residência do Sr. Genésio Estábil e mais a Primeira Companhia Telefônica de Paraibuna, tudo no início do século passado. Mesmo contrariando os seus princípios, foi o presidente do P.R.P. Partido Republicano Paulista e a Cidade só teve vantagens, contrariando ainda mais, sua vontade, foi também, Delegado de Polícia e conseguiu com que Paraibuna tivesse muita paz nesse período. Criou ainda o Grupo Escolar Dr. Cerqueira Cesar, Santa Casa de Misericórdia de Paraibuna e Caixa Rural de Paraibuna, a única no gênero até hoje. Casado com D. Ana Francisca de Camargo, teve os seguintes filhos: Dr. João Batista de Camargo, que se formou engenheiro agrimensor, pela Escola de Engenharia Agrônômica de Piracicaba, a melhor do País na época. Tive a oportunidade de ver um recorte de jornal de São Paulo, elegendo Dr. João Batista de Camargo, como o melhor Engenheiro Agrônomo do Estado de São Paulo. No final de sua vida residiu em São José dos Campos. Seu segundo filho, Dr. Jorge Washington de Camargo, formou-se engenheiro eletrônico, especialmente para fazer manutenção na Usina Elétrica de Paraibuna tendo se formado na Escola de Engenharia Eletrônica Milwaukee nos Estados Unidos da América. Como terceiro filho, ou melhor, filha, D. Maria Antonieta de Camargo e Silva, esposa do Sr. Dr. João Fonseca e Silva. Depois, D. Maria Adalgisa de Camargo que foi casada do o Major João Almeida Vieira filho. “D. Cotinha”, como era chamada, foi minha professora no segundo ano do Grupo Escolar Dr. Cerqueira Cesar, no ano de 1943 e contou, para toda classe como foi o nascimento dos seus filhos, gêmeos, o Osmar e Itamar, nascidos em alto mar, quando viajava de navio para Europa. Por fim, D. Lurdinha Camargo, embora pequeninha, não era normal, casou-se com Dormirio que também não era normal, tinha uma perna mais comprida que a outra, e ficou como herdeiro único vendendo quase todas as propriedades para Prefeitura Municipal e por último vendeu a Vila Cama-

rgo para o Club da Cesp. E o restante ao Sr. Higino Faria Nogueira, não foi um mal negócio, os preços foram sempre preço de mercado.

AGORA É A RUA DE CIMA

O Homenageado da Rua de Cima, Coronel Marcelino. Coronel Marcelino José de Carvalho é o seu nome. Colocar o nome de Coronel Marcelino a Rua de Cima, foi a mais justa homenagem que se poderia fazer a essa ilustre pessoa, nascido nesta cidade no dia 1 de Junho de 1817, foi a mais ilustre pessoa que se viu em nossa cidade, estado e no país inteiro. Superou muitas dificuldades e conseguiu elevar Paraibuna a categoria de vila, no dia 10 de Julho de 1832 e a de cidade no dia 30 de abril de 1857. Este fato teve um espírito importante e curioso. Quando foi anunciado novo feriado em nossa Cidade, 10 de julho como dia de elevação ao título Cidade, apareceu um boato, 10 de julho é o dia do aniversário do prefeito da época. É um boato de mau gosto pensei eu. E agora? Dia 10 de julho é aniversário de elevação do Município a Vila e não a Cidade. O Município foi elevado à categoria de Cidade no dia 30 de abril de 1857. Será que eu estava errado? Não sei. O Coronel Marcelino militou a carreira conservadora na qual sempre foi chefe, com sua grandeza e alma viril sempre foi respeitado. Foi eleito deputado provincial em diversas legislaturas e muitas vezes vereador e presidente da Câmara. Com tudo de bom que ele fez ao Município, Estado e Nação, o Marques de Monte Alegre, Presidente da Província de São Paulo, chamou o digno Senhor Coronel Marcelino a São Paulo, para dizer que tinha carta branca de Sua M. o Imperador, para fazer aos bons e leais servidores, tudo que pedirem, por esse motivo pode pedir o que quiser. Coronel Marcelino não quis aproveitar da situação, nada pediu, falecendo no dia 11 de julho de 1883. Foi o maior vulto político desta Cidade até hoje.

FINALMENTE A RUA DE BAIXO

O Homenageado dessa Rua é Senhor Coronel Martins. Coronel Antônio Jorge Martins, residiu sempre na Rua de Baixo, casado com D. Maria Antônia Martins. Teve um filho, que deu o seu próprio nome, Antônio Jorge Martins filho, que nasceu no dia 10 de Setembro de 1904. Antônio Jorge Martins ou Coronel Martins, também participou e ajudou muito na construção da Estrada Paraibuna-Caraguatatuba, que tinha como engenheiro, Dr. João Fonseca. Ao nascer seu filho que o batizou com seu próprio nome, pensou em ajudar as pessoas mais carentes da Cidade, mandando quando atingiu a idade certa, para faculdade de odontologia de Pindamonhangaba, onde se formou dia 15 de Dezembro de 1921. Durante 11 anos teve um gabinete dentário de primeira linha, onde fazia de

tudo. Consorciou-se com a Exma. Sra. D. Adélia Gonçalves Martins, senhora distintíssima e pertencente à melhor sociedade local. Seu filho, Antônio Jorge Martins Filho, honrou o nome do Pai, chegando a ser Gerente da Caixa Rural de Paraibuna e membro administrativo da Santa Casa de Misericórdia no qual foi também um notável provedor.

CONCLUSÃO

Concluimos aqui, um relato da vida dos principais nomes de nossa história, no meu entender são pessoas que mais fizeram por Paraibuna. Espero assim que os responsáveis pela nossa querida Paraibuna, saibam escolher sempre o melhor para todos, principalmente seus eleitores. Todos os homenageados com nomes de Ruas, Becos, Ladeiras e Avenidas, merece o nosso maior respeito e jamais poderão ser substituídos por qualquer que seja o motivo. Abaixo temos a relação de todos os homenageados com nomes de Rua, Becos, Ladeiras e Avenidas e mais 14 rua projetadas, mais Ruas que podem ser dividida em duas, a Rua Santa Branca no Bairro do Cuba e a Rua Benedito A. David Primo na Vila Monsenhor Dutra. Começamos com a Rua 10 de julho, a Rua Nova – Rua Alcides Aves Pereira – Rua Alice Souza Capelo – Rua Antônio Fonseca – Rua Artur Navajas Junior – Rua Aurélio Silva Santos – Av. Antônio Feliciano da Silva – Av. Benedito Moreira de Andrade – Av. Benedito Nogueira Santos – Av. Central Norte – Av. Central Sul – Av. Dr. Carlos Guimarães, Av. beira Rio – Av. Dr. Lincoln Feliciano da Silva – Av. José Elias Cantinho – Av. José Sebastião Gonçalves – Av. Lino Moreira Leal – Av. Major Elias Calazans – Av. Pedro Augusto de Calazans – Av. Perimetral Sul – Av. São José dos Campos – Beco do Dada - Rua Benedito Antunes David Primo – Rua Cap. Porfírio – Rua Cel. Camargo, a Rua do Meio – Rua Cel. Francisco Tobias das Neves – Rua Cel. Martins a Rua de Baixo – Rua Cel. Nabor Nogueira Santos – Rua da Palha – Rua Dr. João Batista Brasileiro – Rua Dr. Felipe de Melo – Rua Dr. João Fonseca – Rua Dr. Manoel P.S. Souza – Rua Oscar Thompson, a Rua do Dominginhos – Rua Dulcídio Amar Estrada das Laranjeiras – Rua Exp. José Tobias das Neves – Rua Geraldo Santana – Rua Germano Vieira Gonçalves – Rua Gomes – Rua Humaitá – Rua Jacareí – Rua Jambiro – Rua Joaquim Alves de Oliveira – José Cantinho Filho – Ladeira Flavio Antônio de Andrade, a Ladeira do Mercado – Ladeira Francisco G. Fonseca, a Ladeira da Cadeia – Ladeira José Bento S. Rico – Ladeira Prof. José A. Talosa – Ladeira Prof. Ortiz Monteiro – Ladeira Maestro Pôca, o Beco do Coqueiro – Largo da Pólvora – Rua Major Santana – Rua Major Soares a Rua do Rosário - Rua Major Ubatubano a Rua Morta – Rua Maria Antônia – Rua Maria de Lourdes R. Neves – Rua Mauro L. S. Lobato – Rua Ministro Juvenal Malheiro – Rua Nossa Senhora Aparecida – Rua Nossa Senhora de

Lourdes, a Rua da Gruta – Rua Padre Américo – Rua Padre Antônio Francisco do Prado a Rua da Bica – Praça Antônio Nogueira Santos – Praça Benedito Mario Calazans – Praça da Bica, Final da Rua da Bica – Praça da Matriz, Praça Mons. Ernesto A. Arantes – Praça Dr. João C. Albuquerque – Praça Major Marcelino Amâncio de Moura – Praça Manoel Antônio de Carvalho, o Largo do Mercado – Rua Santa Branca – Rua Santa Rita de Cássia – Rua Santo Antônio – Rua São Benedito – Rua São Francisco – Rua São Sebastião – Rua Sebastião Barreto da Silva – Rua Taubaté – Travessa Gomes – Travessa Humaitá – Travessa Irmã Leconte Abril – Travessa Isidro Domingues – Travessa Santa Branca – Travessa Dr. Jorge Washington de Camargo – Rua Vera Cruz e Rua Visconde de Paraibuna, mais Travessas e Ruas projetadas.

Ai estão as Ruas existentes até 2013 com os respectivos homenageados.

BANG BANG EM PARAIBUNA

ENTRE MORTOS E FERIDOS SALVARAM-SE TODOS

O Bang Bang em Paraibuna era a coisa mais divertida que podia acontecer . Parecia mais um filme de faroeste, muito famoso na época. Todos gostavam de assistir. Com a vinda do Dr. Felipe de Melo a coisa em Paraibuna esquentou. Dr. Felipe era um moço jovem, bonito que dava dó, segundo Lourdes Machado. A juventude feminina não perdia tempo, queriam ver o Dr. jovem com cinturão cheio de bala e revólver na cintura. Era a maior atração na cidade. As moças ficavam encantadas com a nova figura. No começo tudo era uma brincadeira, Bang Bang pra cá, Bang Bang pra lá, tudo acontecendo na Rua do Meio. No começo as donzelas tinham um pouco de medo, depois, como nada acontecia, elas perderam o medo. Dr. Felipe, com a gravidade dos acontecimentos, mandou buscar em Minas Gerais, um capanga que também era muito bonito e moço, forte, que resolvia tudo no braço, tinha medo de usar o revólver porque não sabia atirar. Na época tinha na Cidade dois partidos, o P.R.P. Partido Republicano Paulista que era o Partido dos Coronéis e o P.C. Partido Constituinte que era o Partido dos Pobres, como falavam. O P.R.P. mandava na cidade e o P.C. já tinha como chefe Dr. Felipe de Melo. Ao lado do casarão dos Calazans, tinha um terreno limpo, no centro tinha placa grande que estava escrito, “VOTE NO P.R.P.”. Certo dia na casa do Sr. Benedito Souza Sobrinho, houve uma reunião, um plano do P.C. estava em pauta. Comprar papel crepom roxo, fazer uma enorme coroa de defunto com uma faixa escrita, AQUI JAZ O P.R.P. Pedro mineiro, o capanga do Dr. Felipe, pulou o muro que dava ao dito terreno. Subiu num poste e cortou a Luz do terreno e colocou lá a coroa. Ele estava vestido a caráter para não tomar choque, tudo de borracha, luva, bota e roupa. No outro dia, um dia

lindo com sol aberto, a Cidade estava fervendo, todos queriam ver a coroa com os dizeres “AQUI JAZ O P.R.P.”. Não foi brincadeira, os cartolas ficaram furiosos, de revólver em punho, saíram atirando pra todos os lados. Um pequeno acidente. Uma bala perdida quase acertou o Sr. Benedito Souza Sobrinho, dono de um Bar na Rua do Meio e acertou seu Rádio que tocava o dia inteiro. Atravessando o Rádio, foi alojado na parede. Para ele foi uma festa, enquanto pode, mostrava o Rádio furado pela bala e dizia, “Eu consegui desviar da Bala”.

AS CRIANÇAS NO PASSADO

Ofereço esta crônica aos alunos do primário ano de 1998, do Grupo Escolar “Dr. Cerqueira Cesar”, como retribuição ao belíssimo trabalho que retrata o artigo da coluna memória do jornal, O Paraibunense, publicado em Setembro de 1998. Foi o mais expressivo presente que recebi até hoje. Foi um reconhecimento espontâneo, que valorizou e justificou todo o meu esforço para registrar as memórias de nossa gente. Vamos lá, estamos registrando aqui, a vida e os costumes das crianças daquela época. Final da década de trinta e início da década de quarenta. Época em que eu vivi e como foi a vida, a nossa primeira infância até o primeiro ano do primário no meu tempo. Eu morava na Rua da Bica, era a Rua mais importante da Cidade, naquele tempo, era uma Rua Comercial. Só tinha lojas, armazéns, botequins, pequenas pensões, barbeiros, funileiro e até Banda de Música. Até aos quatro anos de idade, meninos ou meninas, não saíam de casa, brincavam no quintal com seus próprios irmãos. Naquele tempo as famílias eram numerosas, todos tinham muitos irmãos. As famílias pequenas tinham cinco filhos em média, depois dez filhos as grandes mais de quinze filhos. Eu tinha doze irmãos, a família Maia, os pais da Lia e Berenice tinham 26 irmãos e todos moravam na Rua da Bica, por isso era muito fácil brincar em casa, no quintal não faltava irmãos para brincar. Depois dos quatro anos já podiam sair na calçada em frente à sua casa, era quando se arrumavam alguns amiguinhos, mas sempre tinham que respeitar, homem com homem e mulher com mulher. Os meninos brincavam com carrinho de carretel, um pedacinho de tábua, com dois cortes pequenos nas extremidades, na parte de baixo onde colocavam os carretéis e deslizavam nas calçadas, numa estrada imaginária, dois riscos com giz escolar com cidades, pontes e até porteiros para passar. O formato era de um automóvel ou caminhões. Poderiam brincar com aviãozinho de papel dobrado ou barquinhos nos dias de chuva. Colocavam os barquinhos nas corredeiras, águas na beira das calçadas ou mesmo no meio da Rua, quando não tinham calçadas, eles ficavam vendo os barquinhos rodar água abaixo. As meninas brincavam de mãe, compadre e comadre, bonecas que eram as filhas das meninas, mas tudo entre elas. Aos seis anos de idade, já

estavam mais espertinhos, os meninos já podiam brincar de pegador, soldadinho de salvar, já podiam ir até o Largo do Mercado até jogar bola, primeiro bola de meia, depois bola de borracha. Bola de capotão? Só no pensamento. As meninas já podiam brincar de amarelinha, de roda, lenço e algumas mais crescidinhas, já podiam brincar de bola queimada. Com mais de seis anos de idade, já estávamos preparando para ir à Escola, tínhamos que estar preparados para aprender a ler e escrever, o que era mais importante, ficaríamos quatro horas fora de casa, longe do papai e mamãe e da vovó, que alívio. Sete anos, terminou a primeira infância, aí vinha um pesadelo. Todos tinham que fazer alguma coisa para casa, as meninas tinham que tomar conta do irmãozinho, os meninos outros trabalhos, mas em compensação já podiam ir a matinê no Cine Santo Antônio, ali onde é o salão de ginástica, mais isso somente aos domingos. No meu entender, aos sete anos começava a segunda infância. Com a entrada na escola a vida da criança mudava radicalmente. Os preparativos para início da vida escolar, para muitos começava até seis meses antes. Era costume preparar um enxoval para qualquer atividade nova principalmente para meninas. Além de conselhos sobre o comportamento, relacionamento com meninas, tinha o uniforme. As meninas iniciavam seu período escolar quase todas uniformizadas, com saia plissada de cor azul, com alça cruzada atrás e reta na frente, mais a tradicional blusa branca com linhas impecáveis. Para os meninos a vida começava cheia de curiosidades. Nos primeiros dias de aulas, colocavam sua melhor roupa para depois ser obrigado a usar uniforme, um conjunto de calça e camisa, tudo de cor caqui, um amarelo usado também pelos soldados da Força Pública do Estado. Os meninos da zona rural tinham um costume diferente, coitados, muitas vezes vinham com calça um pouco mais comprida, pela metade da canela e logo já recebiam apelidos e diziam que era calça de pular brejo ou calça de pegar foguete, naquele tempo era costume da criança correr para pegar as varetas dos foguetes que eram soltos nas festas, todos eram reaproveitados e tinham um certo valor, daí surgiram os apelidos. Quem não conheceu o Manoel foguete, ficou com o apelido até quando morreu, ainda muito jovem. Na cidade, os garotos só podiam usar calças compridas se tivessem quinze anos ou mais, era o início da terceira infância, nem jovem nem adolescente. Quem usava, era chamado de pinto calçado, o negócio era se adaptar com os costumes, não tinha outro jeito. Para as meninas a barra era mais pesada. Embora fosse uma idade que se comemorasse muito, quinze anos, tudo era controlado, poderia namorar, mas com muitas restrições, casamento rápido e só podia pegar na mão, senão não tinha namoro. As meninas do Colégio Santo Antônio sempre tinham uma saída. Durante o mês de outubro, que era o mês de Nossa Senhora do Rosário,

tinha uma comemoração muito solene, rezas todos os dias, de 1 a 31 de outubro e com duração de pelo menos uma hora. Ai era mole, combinavam com os prováveis namorados e saíam da Igreja logo no começo da reza e se encontravam com os garotos e iam namorar nas escadas do próprio Colégio. Tudo tinha que ser cronometrado, ficavam à vontade até que os sinos da Igreja, batessem marcando a hora da bênção do Santíssimo e ponto final. Tinham que largar tudo e correr para Igreja, isso todos os dias até o final do mês. As meninas da Cidade tinham um jeito mais ou menos parecido. O namoro era em volta do Jardim da Praça. Todas tinham o costume de ir a Reza no Sábado, na missa de Domingo, as deis horas e na Reza de Domingo às dezenove horas, elas pareciam muito católicas. No início das missas ou rezas, fugiam da Igreja e vinham para o Jardim da praça namorar, tudo era supervisionado por uma senhora que residia na praça, na casa onde é hoje o Escritório do João Sales e era esposa Do Senhor Ciro Alves, mais conhecido como Seu Xixi. De vez enquanto com um aviso da dita Senhora, um corre-corre e tudo acabava dando certo. Para alguns garotos não tinha problemas, quando o namoro era de comum acordo, pai dos meninos e pai das meninas, tudo era financiado pelo pais dos meninos, mas de uma maneira geral a coisa era difícil, os meninos não tinham dinheiro, para comprar uma roupa melhor, pagar um sorvete para namorada, ir ao cinema juntos e mesmo dar um pequeno presente. Esse problema ia até os dezoito anos pelo menos, não porque não queriam trabalhar, era porque não tinha serviço para eles. Alguns apelavam, enfrentavam qualquer serviço, até servente de pedreiro. No final tudo melhorava e dava tudo certo, sempre casando com pouca idade.

ABRIL MÊS DA MENTIRA

Não estamos querendo dizer que as personagens deste artigo são mentirosas. Eram pessoas alegres, divertidas, criativas e de imaginação fértil, que só traziam alegria para todos aqueles que eles conviviam. São figuras folclóricas que jamais poderiam ser esquecidos. A primeira delas, Geraldo Santos, ou Geraldo Preto ou ainda Geraldo da Mariana, foi funcionário da Prefeitura Municipal e depois de aposentado, casado com D. Mariana, residia na Rua da Bica, onde era seu QG. Para aprontar as mais terríveis brincadeiras aos seus amigos e ainda conseguia tomar seus aperitivos em todos os bares da Cidade sem pagar um centavo a quem quer que seja. Seus maiores admiradores eram as autoridades da Cidade como Juiz de Direito, Promotor Público, Delegado de Polícia, pessoal dos Cartórios e tinha como seu melhor amigo a família do nosso inesquecível José Daher. Entre as suas brincadeiras, como arranjar noivos e até fazer casamento de mentira para outras figuras folclóricas, como João Venâncio, e João Negro. Aprontou de verdade

para nosso inesquecível José Daher. Muito amigo da Família que eram seus vizinhos, convenceu seu filho Sergio a pedir a seu pai de presente, um cabrito. Esse cabrito deveria ser um animal doméstico, como um gato ou cachorrinho de estimação. Não deu outra. Seu Zé Daher, comprou um cabrito que já estava arranjado por Geraldo Preto e teve que criar o cabrito dentro de casa, dormir com o Serginho e diariamente dar uma volta pela Cidade em seu Opala importado, último tipo no banco traseiro olhando pela janela e mais, nas horas vagas ficar em cima do balcão de sua loja. Foi o máximo. A segunda personagem, Isaias, O Isaias Pim Pão, como a criançada chamava, também amigo das autoridades da Cidade, uma figura fantástica, alto magro, bem arrumado, sempre de terno, cartola, sapato de pelica importada, bico fino e o seu forte era criticar e contar histórias das donzelas da cidade em todos os momentos. Cada vez que uma donzela passasse por perto já tinha algumas e boas para falar. Não era muito de tomar banho e não trocava de roupa, mas o curioso era que, cada vez que sua roupa estivesse se deteriorando, estragando, Isaias já tinha outra roupa nova no corpo. Ninguém podia imaginar como isso era possível, até que um dia o Juiz de direito desta Comarca, num velório em São Paulo reconheceu a figura, Seu Isaias estava lá, velando o defunto que dizia ser seu amigo. Tudo ficou esclarecido. Isaias costumava, diariamente ler no cartório do Seu Zeca Cantinho, O ESTADÃO, o Jornal O Estado de São Paulo, e somente lia a parte de funerais, notícias de falecimento e convite para enterro. Fazia suas pesquisas, tomava nota de tudo, endereços, nomes etc. Pegava uma carona, viajava para São Paulo, procurava os familiares do falecido, cara de pau, criativo como ele só, perguntava pela pessoa, conversava com a família do falecido e dizia ser o seu velho amigo, chorava junto e no final pedia alguma coisa do falecido para guardar como lembrança, aí vinha roupa, objeto de uso pessoal e outros, sempre com muito sucesso, até que o falecido era amigo também do nosso Juiz de Direito e em sua última tentativa para voltar para casa, pegou cartona num caminhão de bebida e foi acidentado, sujando de sangue o seu último terno de viagem a São Paulo. Faleceu na década de quarenta e sua imagem e atos, ficou na memória do Povo por muitos anos.

CASARÕES DA PRAÇA MATRIZ

Quase todos casarões da praça da Mons. Ernesto Almírio Arantes, ou melhor prédio estilo coloniais da Praça Mons. Ernesto, foram construídos pelo engenheiro Pedro Augusto Calazans. Até então eram pequenas casas de pau a pique. Pau a pique são paredes de madeiras trançadas com bambu, amaradas com cipó, mais ou menos de dez centímetros de largura, preenchidas e revestidas de barro. O primeiro prédio construído de taipa, argila amassadas com

os pés dos escravos, colocadas em forma de madeira da largura da parede e bem compactada, foi o prédio do nosso amigo, João Barreto, hoje pertencendo ao Sr. João Rosinha, o João Ferreira, sócio do Fazendão. Foi construído no ano de 1865, depois o Prédio, hoje pertencente a Câmara Municipal de Paraibuna, Casa do Senhor Dr. Tarcísio Calazans, sobrado do Quinzinho do Hotel, e Fundação Cultural de Paraibuna. O prédio da Fundação Cultural foi construído no ano de 1878, para abrigar uma fábrica de meias. Aqui cabe mais uma explicação: para evitar um êxodo de Paraibuna, famílias inteiras estavam abandonando a Cidade e suas propriedades em Paraibuna, buscando empregos, busca de cultura e colocação para os filhos. Os políticos da cidade se reuniram com a força econômica, e procuraram então fazer empreendimento para ocupar a população, dar trabalho aos jovens e fazer com que as pessoas ficassem morando em Paraibuna. Daí então, foi construído uma fábrica de meias, uma fábrica de seda, num prédio, onde é hoje a casa do Sr. Genésio Estábil. Mandaram importar da Alemanha um gerador de energia elétrica e um equipamento para o serviço telefônico na Cidade. Saibam todos: Paraibuna foi a primeira cidade do Estado de S. Paulo a ter energia elétrica própria. A primeira cidade do Brasil a ter um Banco Cooperativo, a Caixa Rural de Paraibuna, a única até hoje e estava instalada em prédio próprio onde está a Secretaria da Educação. Foi a segunda cidade do Vale Paraíba a ter jornal próprio, o Paraibunense, fundado dia 18 de setembro de 1904, o primeiro jornal da região foi o Jornal Jambeirense fundado 15 dias antes. O prédio da Fundação Cultural, também foi residência do Sr. João da Luz, quando estava lá o escritório da Força e Luz Paraibunense, que foi vendida a Comepa, empresa formada para construir a barragem do Rio Paraibuna e Paraitinga e depois se transformou na Empresa CESP, Centrais Elétricas de São Paulo. Foi também a primeira sede da Associação Esportiva Paraibunense, Prefeitura Municipal e hoje Fundação Cultural Benedito Siqueira e Silva, o prédio pertence a Prefeitura Municipal.

TIO INÁCIO

Há muitos anos conheci um senhorzinho de cor escura, de estatura muito pequena com o nome de Inácio, mas que gostava que o chamassem de tio Inácio. Era uma figura folclórica, que já não se encontra mais hoje. Muito pobre, sua roupa era de dar dó, usava uma calça listrada, um tecido da época, chamado ranca toco, sua camisa era de pano de saco, chapéu bem velhinho e pés descalços. Gostava muito de cantar. Era uma figura muito sofrida, não gostava que perguntassem por seus pais, dizia que foram escravos. Seu fraco era dizer que sabia cantar e dançar jongo, se alguém duvidasse, ele dançava e cantava na hora e já queria receber uma moedinha,

pois gostava de uma pinguinha. Jongo era um gênero de música e dança originária do Congo e Angola, marcado especialmente, pela percussão de tambores. Os tambores usados na época, principalmente em Paraibuna, eram parecidos com um covão de pescaria, fino em baixo onde ficava no chão, alto até a altura da cintura do tocador, a parte de cima era largo com mais ou mais ou menos sessenta centímetros de largura, redondo fechado com coro de animais principalmente coro de carneiro. O jongo se difundiu muito no Brasil central, mais no sul de Minas e chegou até Paraibuna. O jongo era dividido em várias partes, primeiro agradecimento pela presença dos jongueiros, segunda parte cantavam e dançavam alegremente um ponto de jongo, com frase que poderia indicar qualquer coisa, isso mais de uma hora, depois vinha o desafio que era feito exclusivamente pelo chefe dos jongueiros que gritava, cachoeira, passava alguns segundos e lançava o desafio, uma frase que deveria ser traduzida pelos presentes, quando um dos cantores conseguia traduzir, novamente gritava, cachoeira, passados alguns segundos e ficavam cantando a resposta até que fosse lançado um novo desafio, isso poderia demorar horas. No final, cantavam um agradecimento a presença das pessoas presentes até o fim. O desafio era mais ou menos assim: A frase “O tatu tá de cangalha mantimento de quem é”. Os cantores conheciam a pessoa que lançou o desafio, sabiam quem eram seus amigos e sabiam o que os amigos faziam. Então quem poderia ser? Depois de algum tempo a frase estava traduzida, novamente [CACHOEIRA], A resposta, cantando “O tatu tá de cangalha mantimento do Zé Daria.” “José Daher”. O desafiante era amigo do Sr. José Daher que era o único comerciante do ramo na época, não tinha outra, a resposta estava certíssima. Essa era do nosso amigo, uma figura folclórica, o João Cândido. Tio Inácio vinha todos os domingos na cidade. Vinha para cantar e dançar seu jongo e pedir uns trocados, até a tarde já estava bêbado, dormia na cadeira com a cela aberta e segunda-feira logo cedo voltava para casa. Uma das frases que ele gostava de cantar era: Princesa Dona Isabel, que derrubou a escravidão. Ela veio de muito longe pra chegar neste lugar, Deu descanso ao Preto Velho, pra poder descansar. Isso era verso de moçambique, mas para ele não tinha importância, ele queria cantar e dançar, o jongo era mais importante. Outro verso que ele gostava de cantar nas festas do mês de junho: Dia 13 Santo Antônio, 24 São João, 29 São Pedro, com sua chave na mão. Para ele tudo era alegria, até que um dia chegou uma pessoa muito bem vestida, que queria conhecer seu sobrinho. O Tio Inácio. Coitado do Tio Inácio, não conhecia seu Tio, para ele, a vida que levava era o que tinha de melhor. Com muito custo, seu Tio o levou para Cidade de Santos e nunca mais ninguém soube do Tio Inácio.

VELHO AMIGO

Eu tinha um amigo, nascido nesta terra, Paraibuna, que todos os anos, na festa de Santo Antônio vinha visitar sua terra natal e também o Bazar do Deia e a minha pessoa. A última vez que tive a oportunidade de estar com ele, foi na Festa de Santo Antônio em 1971, por coincidência, quando fui festeiro de Santo Antônio, por sinal a maior festa que teve na cidade, foi uma grande festa, jamais vista em Paraibuna e muita coisa que foi vista nessa festa ficará na história e que outra festa como essa jamais será realizada na cidade, como por exemplo, uma moto subindo na torre da Igreja Matriz, a traves de um cabo de aço. O nome do amigo era João Vicente de Moraes, que residia em Taubaté, filho de Paraibuna e amava sua terra natal, nunca esqueceu desta cidade. Nessa festa foram vendidas canequinha para quentão ou cafezinho, caneca para beber Chopp e canecas grandes que mais serviriam para colocar arranjo de flores. João Vicente era um grande amigo, fiz questão de dar a ele uma canequinha de presente, que estava gravado: Lembrança da Festa de Santo Antônio em Paraibuna - SP 1971. Nosso amigo ficou tão agradecido que compôs um verso com o título "CANEQUINHA" como segue: LEMBRANÇA DE ANIVERSÁRIO DA FESTA DE SANTO ANTÔNIO DE PARAIBUNA. ESTADO DE SÃO PAULO – EM 13 DE JUNHO DE 11971

A CANEQUINHA

Com esta bela canequinha,
Ao ter recebido de presente,
Não tomo mais café em xícara,
Esta dádiva é bem recente...
Quem me ofertou, quero agradecer
uma lembrança bela e rica,
Impossível se descrever:
na hora do café, guardada ela não fica
Há outras canecas bonitas, querem ver?
Agora, ela no meio das outras irá resplandecer.
Taubaté, 12 de junho de 1971.
De João Vicente de Moraes - Oferta de: Angelina – Alaíde e Armando.
Este verso chegou em minhas mãos pelo correio e tinha o seu nome, de Angelina, Alaíde e Armando, certamente esposa e filhos.
Para mim foi um belíssimo presente. Resolvi publicá-lo nesta página, para que, como retribuição, seu nome e seu verso sejam imortalizados e poderão ser lembrados para sempre.

VÓ NHA DITA GABRIÉ

Vó Nhá Dita, era como gostaria de ser chamada. Vó da esposa de nosso amigo Walter Ebram, por consideração, seu nome Creusa. Na verdade foi mais que uma avó, foi quem muito ensinou do pouco que sabe desta vida.

Creusa e sua família moravam no Bairro do Lajeado, município de Paraibuna - SP. Onde nasceu por suas mãos habilidosas de parteira. Foi no dia 28 de fevereiro de 1952, por volta das 23 horas. Era uma noite de carnaval. Como sempre foi chamada e desta vez não precisou vir de longe, pois estava no baile do terreiro de seu avô paterno, Sr. Antônio Rafael de Gusmão, mais conhecido como Antônio Adolfo. Foi uma afinidade à primeira vista, no decorrer de sua vida, Creusa teve relatos mais variados. Ela e sua Vó Nhá Dita. A primeira lembrança é de que sempre que Creusa, seus pais e seus irmãos viajavam, perguntavam para Vó Nhá Dita se queria alguma lembrança de presente. A resposta invariavelmente era “Eu quero uma maçã”. Mais tarde, percebeu a simplicidade e o exemplo. Jamais Creusa poderia esquecer as pescarias no Ribeirão do Lajeado e no Rio Lourenço Velho, já morando em outro Bairro, na Varginha, hoje coberto pelas águas da represa de Paraibuna. A Avó da Creusa sempre a acompanhava nas mudanças, e com ela sua família. Para pescar, o trajeto era curto, mais o tempo era pelo menos triplicado, paravam em qualquer lugar que tinha um mato, uma árvore medicinal, que para ela era sempre algo medicinal. Ali, era feita a colheita que iria para o embornal pendurado um no pescoço da Creusa e outro no dela. As cascas das arvores eram carinhosamente tiradas em pequenos pedaços para não prejudicar a natureza, pois neste momento ela ensinava a todos sobre a vida vegetal. A colheita serviria para atender a todos que de algum mal reclamavam para ela. Logo na cozinha de sua casa estava o santo remédio caseiro. Quanto custava? Carinho e um longo sorriso em ver atendida e curada a dor alheia. Quando chegavam as margens do rio, já preparado com o caniço de vara de bambu, acendia seu inseparável cigarro de palha com fumo caseiro e acreditem, não atrapalhava em nada. Era como um perfume que até hoje marca a vida de todos com esse aroma. Ferpa pronta para colocar os lambaris. Iniciavam a pescaria. Era farta e logo a ferpa estava cheia. Marcou muito para Creusa, um momento de aproximação de uma cobra em direção de todos. Seu susto logo foi acalmado, pois ela falava, “Fia (era como ela a chamava), fique tranquila, ela está querendo apenas, se alimentar de lambari. Logo ela vai embora.” Jamais esta cena será esquecida. A cobra levando a ferpa com todos os lambaris, na sua imaginação, pela quantidade, era para a família toda. Ah! Que aprendizado, respeitar a vida animal. Até hoje Creusa lembra esses ensinamentos, os quais sempre passaram para as gerações futura. Na volta para

casa, entre arranhões e pequenos tombos sempre ouvia “Antes de casar sara”. No local ferido, seus remédios que além de bons, mais a fé que Creusa tinha, era uma cura certa. O álcool, tão temido hoje, quando vamos passar em um local ferido, quando executado por ela, nem dor sentiam. Era o carinho de suas mãos abençoadas. Que doce lembrança, quando, depois de uma curta ausência contando que foi atender a mais um chamado para realizar um parto. Às vezes dois, houve certa vez um caso de três na mesma noite. Vale lembrar que ela não gostava de andar a cavalo, logo se supõe, ia e voltava a pé sem se preocupar com distância e o tempo, com sol ou com chuva. Na sua volta, Creusa corria abraçá-la. Logo ela ia dizendo: “Ajudei a nascer mais um anjo para este mundo de DEUS”. Na verdade o anjo era ela, que atendia a qualquer chamado, sem pedir nada em troca. Pensando bem seu sobrenome diz tudo: “Benedita Gabriel dos Santos”, lembra o Arcanjo Gabriel. A partir de então todos esses chamados anjos, dentre os quais Creusa foi incluída, a chamavam de vó ou ainda de madrinha e mais, comadres e compadres surgiram dentre os muitos que já tinha. Quantos são? É difícil saber. Só se sabe que foram muitos e muitos. Sempre pronta a atender mais. Creusa cresceu a seu lado e sempre contou com seu carinho e apoio em qualquer circunstância. Quando foi marcado o seu casamento que já dura muitos e muitos anos, além de sábios conselhos, quando fez seu vestido de noiva, ela ajudou a fazer a grinalda. Creusa teve a felicidade de recebê-la algumas poucas vezes em sua casa para passar alguns dias, principalmente final de semana. Ela vinha da roça na sexta feira e ficava até domingo. Aos domingos a fruta que não podia faltar era a maçã. Algum tempo depois seu marido o Walter Ebram, era transferido pela sua empresa, tiveram que mudar de cidade. Sempre que vinham à Paraibuna a visita pra ela era certa e havia uma grande felicidade pelo reencontro. Em um dos seus reencontros, Creusa falou que tinha muito medo de estar longe se ela adoecesse, isto tudo sem falar em algo mais grave. Como de costume, era logo tranquilizada. Entretanto ela falou que se algo mais grave lhe acontecesse, estivesse a Creusa em qualquer lugar seria avisada de qualquer maneira. Ocorreu que, morando em Nova Londrina, no Estado do Paraná, distante 1000 km de Paraibuna, isto no ano de 1981, ela veio a falecer. A notícia chegou para seu marido e para o irmão do Walter, que moravam juntos e sabedores do amor que a Creusa tinha pela Vó, resolveram não contar nada a ela. Os dias foram passando e seu marido que contou e descreveu este relato é testemunha do ocorrido. Creusa, uma semana após, falou a respeito da Vó Nhá Dita e seu marido desconversou, pois não teve coragem de falar a verdade. Mais dias passados e mais perguntas sobre a Vó. Como sempre sem coragem, seu marido não contava a verdade. Todas as manhãs ela falava

que havia sonhado com a Vó e que sentia um forte cheiro de maçã. Já no décimo nono dia, durante a noite aconteceu algo inesperado e maravilhoso. Creusa em prantos, sentada na cama apontava para a porta do quarto e falava da presença da Vó, sorrindo como quisesse acalmá-la. Walter Ebram, seu marido, acordou muito assustado e com medo, arrependido, contou a verdade. Houve muito choro seguido de orações. A partir desse momento, Creusa deitou-se e dormiu tranquilamente.

ENFIM, O PROMETIDO COMUNICADO ESPERANDO EM DEUS

Vagando eu pela escuridão. Sem rumo, sem destino, sem saber mesmo para onde ir. Não via nem uma estrela para seguir. Deus teve pena de mim. Um dia olhando para o céu, naquela noite escura, nem estrela, nem um vaga lume para mostrar que ainda existia luz. Eis que Eu me deparo com uma estrela, logo na minha frente, enchendo-me de raios luminosos. Era a luz que deveria estar no fundo do túnel e foi para o Céu. Deus teve pena de mim, Eu estava por certo caminhando para o abismo, que poderia estar longe ou muito perto. Corri atrás dessa estrela sem pensar para onde deveria ir, e foi bom. Guiado por ela, seguindo seus caminhos sem saber mesmo para onde ir, cheguei ao melhor ponto de minha vida, venci, me tornei homem e redobrei minha vontade de viver. Final de agosto de 2000, achei que essa estrela já tinha concluído sua missão e qualquer que fosse sua atitude já me consideraria grato, muito mais que feliz, felicíssimo. Dirce Moreira, era a luz de minha vida, que guiou os meus passos, mandado por Deus. Dirce é a mulher que amo como ninguém neste mundo. Obrigado meu Deus.

CAFEICULTURA EM PARAIBUNA DO PASSADO

A história do café começou no século XVIII, quando uma linda jovem alemã que adorava beber café. Mas seu pai abominava esse hábito, mas um belo dia, ela se apaixonou por um jovem; e o pai impôs uma condição para seu casamento: se ela largasse de tomar café. Ela fez um acordo secreto com o noivo: que ela tomaria café quando ela quisesse. Foi baseado nessa história que o maior compositor de todos os tempos “Johann Sebastian Bach” compôs a “Cantata do Café”. A Coffea Arábica (café) originária da Abissínia ou Etiópe, que deu ao Brasil o título de maior produtor de café do mundo. As primeiras mudas de café foram introduzidas no Brasil por Francisco de Melo Palheta que obteve na Guiana Francesa, através de Madame D’Orvilheus, esposa do governador francês daquela colônia. Segundo o grande historiador do Brasil, Veiga Cabral, os primeiros pés de café plantados no Brasil foi no Vale do Paraíba, e também na faixa do Alto do Paraíba, onde está Paraibuna. O pioneiro da planta-

ção de café em Paraibuna foi o Coronel Marcelino José de Carvalho, dono da fazenda do Porto cujos domínios iam do bairro da Roseira ao bairro do Espírito Santo, onde ainda se nota em suas pastagens ruas centenária de café. Além do Coronel Marcelino José de Carvalho tivemos outros grandes cafeicultores, como: Coronel Tobias Francisco das Neves, Claudio Pereira de Souza Camargo, Joaquim Antônio Garcia, antigo dono da fazenda Fortaleza, Antônio Ezequias Calazans, Dr. Nicanor Camargo Neves, Joaquim Barreto, João Olímpio de Almeida (João Ananias). A importância da produção de café no Vale do Paraíba era tão grande que o governo projetou uma estrada de ferro que saía de Taubaté a Ubatuba, onde se escoaria toda a produção de café. Esta estrada foi abandonada, hoje ainda permanecem vestígios de seus trilhos no seu leito. A comercialização do café de Paraibuna era feito para o litoral: Caraguatatuba, São Sebastião, Ubatuba e Guararema. O transporte era feito por tropas. Os tropeiros mais conhecidos naquela época eram: Luiz Porto, Benedito Monteiro da Silva (Dito Lúcio) e Silvino Ribeiro dos Santos (Silvino Mineiro) e José Benedito Moreira. Atualmente, a cafeicultura em Paraibuna praticamente não existe. São poucos os cafeicultores. Podemos citar: Dr. Wilson Almeida Costa e Milton Faria Barbosa.

Memórias de Paraibuna

Antônio Tavares de Almeida
(in memoriam)

CAVALOS E CAVALEIROS DE PARAIBUNA

Segunda a lenda Árabe, certo dia Alá resolveu encarnar o vento e transformá-lo numa criatura e assim o fez, surgiu no mundo o cavalo, veloz e impetuoso como o próprio vento. Os zoólogos têm outra definição, em sua opinião o cavalo que conhecemos, o asno e a zebra são produtos da evolução de um bichinho feioso e mirrado EOHIPPU o qual viveu há 60 milhões de anos. O cavalo é o amigo mais nobre do homem, e acompanha a humanidade desde muitos séculos, tanto na guerra como na paz, por isso o homem lhe dedica grande carinho. Sua figura aparece em todas as passagens importantes do Universo. Na história religiosa vemos São Jorge montado em seu cavalo. Napoleão Bonaparte, o grande cabo de guerra, obteve os seus grandes triunfos montado em seu famoso cavalo branco. Ele também teve participação na nossa Independência e na Proclamação da República; teve participação magistral da conquista do Oeste Americano. O Imperador Calígula nomeou Primeiro Ministro um cavalo cujo pomposo nome era INCITATUS. Pablo Picasso, famoso pintor espanhol, fez do cavalo figura marcante no seu famoso quadro GUERNICA, nome da aldeia espanhola que foi bombardeada impiedosamente pela aviação nazista, na Revolução da Espanha. O cavalo representa a impressionante figura do povo espanhol naquele momento de sofrimento; sendo que o touro é a figura do ditador Franco, o fascismo e o nazismo. Cavaleiro: ser cavaleiro diz que não é só montar, requer agilidade, garbo, mãos leves na rédea, montar e ser cavaleiro é uma arte. Diz que o bom cavaleiro conhece muito bem o seu cavalo, assim como o cavalo conhece seu dono. Para nós paraibunenses o cavalo mais conhecido é o cavalo verde, que presta grandes serviços aos fazendeiros. É o mais forte dos cavalos brasileiros; pequeno, ágil e firme para as lidas do campo, e principalmente para o terreno montanhoso. Assim chamado verde, pela razão de viver do próprio pasto. Não necessitando de trato especial. É lamentável que já esteja em fase de extinção. Em Paraibuna temos eximidos cavaleiros que dedicam a arte de montar, nas festas de Santo Antônio eles desfilam pelas nossas ruas com muita elegância e garbo. Os quais citaremos: Joaquim Rico, Raimundo da Silva, criador e incentivador da criação de cavalos, Joaquim Camargo, Roberto Camargo, Antônio Camargo, Manoel Fidencio, Sebastião Cantinho, Francisco Fonseca (Chico do Braulio), José Leite Vilhena, Vicente Alves Marcelino, Mário Ribeiro, José Leal e Augusto Rico. Cavaleiros do Passado: Cel. Francisco Tobias das Neves, Benedito Monteiro de Andrade (Dito Lúcio), Lino Leal, Silvino Ribeiro, Sebastião Ribeiro, Joaquim da Rocha Leão, Benvindo Mineiro (Morreu em um acidente com seu cavalo), Luiz Porto, Caetano Ribeiro, Oscar Leite Vilhena. Mesmo com a invasão de carros, caminhonetes e tratores na zona rural; em Paraibuna ainda temos quem segue a

tradição e cavalgam pelas nossas ruas, entre eles citamos: Vicente Alves Marcelino, José Santana, Francisco Fonseca (Chico do Braulio), Luiz Rosa, Benedito Bento, Antônio Camargo e Roberto Camargo.

HISTÓRIA DO MERCADO

Havia entre os produtores paraibunenses um grande interesse em ter um lugar para comercializar seus produtos agrícolas. Essa vontade foi concretizada por José Porfirio da Silva, que construiu o mercado no ano de 1894. O piso todo de terra compactada e as bancas feitas de tábuas grossas, onde seriam comercializados os produtos. As bancas, em sua maioria, vendiam toucinho e sal, as pessoas mais conhecidas que negociavam toucinho, eram: Jacinto de Leme (Chico Leme), Francisco Lima, José Belo e Benedito Antônio Diniz, que vendia sal. No local onde está a loja de Seu José Daher tinha um curral onde recolhiam as tropas e burros de cargas e carros de bois que faziam transporte. Em frente ao mercado, no pátio, tinha uma grande árvore (carvalho), conforme na fotografia anexa à matéria, embaixo da mesma, vendiam garapa. Existia uma passarela de 4 metros de largura de pedra, nesse pátio que os produtores amontoavam os seus produtos para serem negociados; como café em casca, arroz, banana, frutas, palmitos, fubá, feijão, quirera, farinha de mandioca e farinha de milho. Havia muita fartura naquela época, os produtos eram transportados em carros de bois, cheios de abóboras onde amontoavam enormes quantias desses produtos. Paraibuna era considerada o celeiro do Vale do Paraíba. O mercado é o local importantíssimo para Paraibuna, tanto no lado comercial como também social, pois ali se concentra a comunidade rural e urbana; onde se confraternizam, debatendo os mais variados assuntos. Na gestão do prefeito Joaquim Benedito Fontes Rico, o mercado foi reformado obedecendo religiosamente a arquitetura antiga. Com piso todo de pedra, com 28 repartições (boxe), para comercializar os mais variados produtos e até salão de barbeiro. Aproveitando esse evento o prefeito Joaquim Benedito Fontes Rico, homenageou um dos grandes agricultores de Paraibuna, José Bento Rangel (Zezinho Bento) com uma placa com seu nome. Depois da reforma do mercado o povo passou a chamá-lo de MERCADÃO.

FAZENDA DO VALE DO RIO FARTURA

CONTO SOBRE A ESCRAVIDÃO EM PARAIBUNA

Este é um conto de ficção, portanto os nomes, personagens e datas, nada têm a ver com as pessoas daquela época, e se por acaso houver semelhança é mera coincidência.

CAPÍTULO I

Meia légua da antiga Santo Antônio da Barra de Paraibuna, hoje cidade de Paraibuna, no encontro do Rio Paraibuna com Rio Fartura, aí se iniciava uma estrada coberta de densa floresta na largura de três cavaleiros cavalgando lado a lado. O rio ora margeia a estrada ora distancia, tem esse nome por ter abundância de peixes em seu leito, chegando a pegá-los com as mãos, e mesmo ao sol quente as traíras encostavam às margens, para tomar banho de sol. Outra versão era que, se chamava “O Vale do Rio Fartura” pela fertilidade de suas terras, formando também, grande número de córregos, que descem do Bairro da Roseira formando o Rio Fartura numa extensão de 22km, para desaguar no Rio Paraibuna. Num percurso de três léguas avistavam-se a Fazenda do Vale do Rio Fartura, com uma enorme praça, com um imenso casarão, rodeados de muros de pedras e outras menores de taipas. Logo em seguida um grande barracão, “Senzala” coberta de nuvens de fumaça, onde se agrupavam todos os escravos em regime coletivo. Viam-se escravos trabalhando no terraço de café, uns carregando as caçambas com café, as escravas com grandes potes na cabeça andando com desembaraço e equilíbrio, crianças entrelando-se de um lado e de outro brincando. Na entrada em cima do muro de pedra está um homem pulento com chapéu de palha de abas largas, de botas de couro cru que estendia até aos joelhos. Esse homem era o Coronel Joaquinino de Souza Alves, e ao lado o seu feitor Miguelope, naquele instante dando ordens aos berros a outro feitor, Chico Makiné, para que os escravos apressassem na coleta do café, o céu estava coberto de nuvens pratas, estava prestes a desabar um forte aguaceiro. Os escravos agitando-se e erguendo os braços no meio daquele vozeiro ouviam-se uma toada semelhante ao lamento de seu povo africano. Chuva vem / Chuva vai / Sol vem / Sol vai / negro da ponto em café / Prá homem branco tomá / Todas essas cenas descritas é o começo de uma história que se passou no ano de 1711, quando Capitão General D. Luiz Antônio de Souza Mourão, governador da Capitania de São Paulo, ortogou uma sesmaria de quatro léguas aos progenitores do Coronel Joaquinino Souza Alves. Essa fazenda era chamada Vale do Rio Fartura, era a maior propriedade de Paraibuna. Toda essa imensa gleba pertencia a esse homem todo poderoso e com mais de cem escravos. Casado com Sinhá Quitéria Carvalho Alves, tinha somente um filho Sabastião que foi quando pequeno, morar com seu tio Manoel na Capitania de São Paulo. Toda sua fazenda era cortada pelo Rio Fartura, eram constantes as enchentes, sempre transbordando com impetuosidade levavam tudo na passagem, em uma das suas curvaturas num bosque que distava da “Senzala” uns quinhentos metros onde as escravas e escravos eram obrigados pelo Coronel semanalmente a banhar-se com sabão de cinza para evitar

a epidemia de sarna. Os moradores do Bairro Jacinto Soares, eram sempre pegos de surpresa no regresso de Paraibuna, quando chovia não podendo passá-lo. Em uma dessas ocasiões, um morador de nome Lobato foi barrado pela correnteza, revoltado esbravejou-se soltando palavrões, atirou-se à cavalo na correnteza e foi tragado pelas ondas e desapareceu, e o cavalo foi encontrado mais tarde pastorejando às margens do Rio. A Fazenda do Vale do Rio Fartura era grande produtora de cana-de-açúcar, café, além de feijão e milho. O serviço da fazenda era administrado por dos feitores: Miguelope e Chico Maskiné. Miguelope, filho de italiano com uma índia tupi, odiava os negros escravos, tudo por ter amado uma negra, e não foi correspondido e desde então passou a odiar a raça negra. Chico Maskiné, uma mistura de índio com a raça negra. O Coronel tinha grande confiança nele. Tratava os escravos com crueldade, aqueles que fugiam e eram pegos eram postos no tronco e chibatados até perderem os sentidos. Muitos deles conseguiam fugir e suicidavam-se, atirando-se no tanque da fazenda. Os escravos acreditavam que no tanque existia uma mãe d'água que encarnava uma donzela escrava de cabelos compridos que no momento que os escravos se atiravam no tanque ela erguia o corpo com os braços levantados para saudá-los. Conta que uma negra resistiu as ameaças do Coronel de torná-la uma das suas moças, preferiu suicidar-se no tanque e depois começou a aparecer. Naquela época o Coronel fazia tráfico de escravos, quando os navios negreiros atracavam na Baía dos Castelhanos, Miguelope tinha a missão de comprá-los, e transportando-os logo em seguida por embarcações chamadas Vogas até São Sebastião, e depois seguir as trilhas dos Índios Tamoios para leiloá-los em Taubayte. A fazenda era grande produtora de pinga, rapadura, milho, feijão e café. Foi nela que se plantaram os primeiros pés de café do Brasil, segundo o grande historiador Veiga Cabral. Todos esses produtos eram comercializados em Caraguatatuba, São Sebastião e Guararema. O chefe dessa missão para transportá-lo era Miguelope, esses transportes eram feitos em lombos de burros, e mesmo nas costas pelos escravos. Essas jornadas eram das mais penosas e cruéis, escravos que não aguentavam eram abandonados na trilha dos Índios Tamoios e devorados pelas onças, aqueles que morriam eram jogados nos precipícios. Entre os escravos tinha um de nome Alixandre, muito respeitados pelos companheiros, ele sempre se revoltava das crueldades praticadas por Miguelope nessas jornadas. Na volta Miguelope dava uma parada e permissão aos escravos fazer garimpagem do Rio do Ouro nos pés da Serra. Miguelope dava cachaça em troca de ouro.

CAPÍTULO II

DRUDA

Entre as negras que trabalhavam nos serviços caseiros da fazenda, tinha uma que se distinguia das outras pela sua beleza. Alta e muito bonita de nome Druda, que o coronel sentia uma grande atração por ela, sempre quando se achava sozinho aproveitava para fazer-lhe galanteios. Druda não suportava sua aproximação, mas na condição de escrava acabava concordando, nesses encontros coincidiam sempre na ausência da Sinhá Quitéria. Tudo isso passava despercebido da Sinhá Quitéria, os seus amores coma negra Druda. Até que um dia, Druda engravidou, e de imediato foi afastada dos afazeres domésticos para ajuntar-se aos escravos da “Senzala”; depois as coisas mudaram. Sinhá Quitéria soube de tudo, o seu ciúme pelo coronel tornou-se insuportável, e para castigá-las mandava as negras trazerem na palma da mão brasa para acender cigarro. Somente acalmando-se com a inesperada chegada de seu filho Sebastião com seu tio Manoel da Capitania de São Paulo. Depois de muitos dias de viagem cansativa. O coronel sempre se alegrava com a chegada de seu filho, pois sempre fazia planos para que mais tarde o seu filho tomasse conta de sua fazenda. Mas dessa vez o coronel começou a reparar o comportamento estranho, fazendo gesto de mulher. O coronel reparou tudo aquilo e queixou-se a Miguelope, que consolou-o, dizendo que isso é coisa que acontece, citando Grauna, o negro que trabalhava na cozinha. O coronel inconformado e magoado nunca poderia pensar que um filho seu fosse macho-fêmea. Depois de uns dias de permanência Manoel e Sebastião voltaram para a Capitania. O coronel procurou livrar-se dos aborrecimentos e não pensar mais no caso de Sebastião. Druda volta-se a perturbá-lo. Miguelope contou-lhe que Druda não estava bem, o seu estado piorou e deu à luz a uma menina, e muito mal com uma hemorragia interna, morreu. O coronel mandou que Miguelope a enterrasse na própria fazenda. Logo depois da morte de Druda, Sinhá Quitéria interessou-se pela menina, pedindo a Nhatude, companheira de Alixandre, que tomasse conta. Nhatude passou a amamentá-la, visto ter perdido uma criança de mal de sete dias, dando-lhe o nome de Gerusca. Apesar de sete meses, era gorduchinha e pequenininha, com a pele rosada como do coronel. Os escravos passaram a chamá-la de Pombinha Rosada. Nhatude passou a tê-la como sua própria filha.

CAPÍTULO III

A morte de Miguelope

Quando os escravos colhiam café, o escravo Alixandre erguia a caçamba, escorregou e caiu. O feitor Miguelope gritou e ameaçou dar-lhe uma chibatada. Alixandre enfrentou dando-lhe uma rasteira, Miguelope caiu e levantando-se rapidamente deu uma chibatada,

mas o escravo mais ágil deu-lhe uma paulada prostando-o sem vida. Rapidamente dirigiu-se a escrava Nhatude que estava amamentando Gerusca embaixo de um pé de café, e puseram-se em fuga. Alixandre sabia que aquele era o momento de fugir, pois o coronel logo que soubesse da morte de Miguelope iria perseguir até pegá-los. Alixandre com profundos conhecimentos daquele lugar tinha plena certeza que ia chegar ao Morro dos Quilombos das Mortes. E a sua companheira Nhatude com Gerusca nos braços entranharam naquela mata virgem, como dois animais selvagens. Acuados pelos cães Fila do coronel, depois de dois dias de caminhada, com algumas paradas para amamentar Gerusca e chupar algumas frutas do mato, perceberam então, não escutar mais os latidos dos cães. Eles só distinguiam o dia da noite pelos raios do sol e da lua. Depois de uma longa caminhada é que alcançaram o Morro dos Quilombos das Mortes. O negro Alixandre e Nhatude foram bem recebidos pelo chefe Karambuzá e também por todos os escravos. A região Morro dos Quilombos das Mortes era onde os escravos de Paraibuna, Natividade da Serra e Redenção se refugiavam. Tinha como chefe o negro Karambuzá, com dois metros de altura, todos o obedeciam cegamente e prestavam juramento de não sair dali, somente com a morte. Todas as vezes que os fazendeiros tentavam resgatar os seus escravos, eram derrotados, e mesmo mortos. A vida começou a ser dolorosa para o coronel com a morte da Sinhá Quitéria, e da perda de muitos escravos, pela peste bubônica que atingiu o Brasil naquela época, e alcançou Paraibuna. Para combater a doença o coronel mandava queimar estrumes de gado e porcos. Ele acreditava que a fumaça espantava a doença. Sofrendo duros golpes do destino, ele agora estava sozinho, e Gerusca, sua filha, era seu único pensamento, visto que seu filho Sebastião estava mais ligado ao seu tio Manoel. Contou a Chico Maskiné o seu plano para trazer de volta a sua filha Gerusca. Era preciso que Chico fizesse tudo o que ele determinasse para convencer Alixandre e Nhatude a voltar. A aparência de Chico seria de escravo foragido, com marcas roxas pelo corpo, chibatadas pelas suas próprias mãos, pois o chefe dos Quilombos das Mirtes, Karambuzá, desconfiava que todos foragidos podiam ser capitão do mato, pago pelos próprios coronéis. Chico aceitou o plano do coronel de trazer o negro Alixandre e Nhatude com Gerusca. Já que o negro Alixandre e Chico conviviam bem além de não ter nenhuma mágoa contra Chico na condição dele ser feitor do coronel. O coronel prometera a Chico muitas vantagens, inclusive um pedaço de terra. Numa tarde chuvosa, Chico chegava ao Morro dos Quilombos das Mortes. A sua chegada foi de desconfiança pelo chefe Karambuzá, mas o Nero Alixandre contou que o conhecia. Meio desconfiado e ressabiado o chefe Karambuzá concordou de tê-lo como companheiro foragido. Para que tudo desse certo, Chico

nada contou a Alixandre de sua vinda, deixou o tempo correr, já se adaptando com a vida daqueles escravos, mas sempre vigiado por outros escravos que desconfiavam ainda de sua presença ali. Depois de decorrer três meses ninguém mais desconfiava dele e Chico passou a ser bem vindo naquele agrupamento. Mas Chico já estava impaciente e nervoso, não podia mais guardar aquele segredo, tinha que contar a Alixandre porque veio ali. Um dia Chico resolveu contar tudo a Alixandre, mas muito nervoso não sabia qual seria a sua reação. Alixandre ouviu tudo e ficou furioso com a proposta do Coronel e disse que ia contar tudo ao chefe Kqrambuzá. Mas Nhatude não deixou. Chico falou que o coronel prometeu que o defenderia no caso da morte de Miguelope e prometia que ele faria parte de sua família. O negro Alixandre não conversou mais com Chico, mas Nhatude que Alixandre ia pensar, para depois dar-lhe a resposta. Passado muitos dias, Chico sem conversar com Alixandre, mas Nathude garantiu a Chico que iria convencê-lo a aceitar a proposta do coronel. O coronel estava impaciente, nada sabia sobre Chico Maskiné, se tinha conseguido chegar ao Morro dos Quilombos das Mortes. O afastamento de Alixandre com Chico Maskiné foi parar nos ouvidos de Karambuzá, que resolveu saber o motivo, mas tanto Chico como Alixandre, disseram a Karambuzá que nada havia um contra o outro, mas Karambuzá não acreditou, pediu aos negros de sua confiança que os vigiassem, que qualquer coisa que houvesse, avisassem imediatamente, pois os dois não podiam viver nessa situação de desconfiança. Nhatude pediu a Alixandre que aceitasse a proposta do coronel de voltar. Alixandre concordou, e combinaram tudo, e numa madrugada eles burlaram os vigias e puseram-se de volta. Na chegada foram recebidos com festa pelo coronel, que mandou todos os escravos se reunirem na “Senzala”, ali, juntos com Gerusca, sua filha, Alixandre, Nhatude e Chico Maskiné. O coronel disse que jurava perante a sua filha Gerusca que todos os escravos da fazenda estavam livres, não eram mais escravos. Naquele momento foi de grande emoção para o coronel, apesar de tudo que ele fez de maldade contra os escravos; em troca ele estaria dando a liberdade a todos os escravos, e feliz por ter junto sua única filha herdeira, Gerusca e prometeu dar Toto apoio a Alixandre e Nhatude.

PARAIBUNA MINEIRA

Minas Gerais esse grandioso Estado interiorano, gente de profundas raízes na terra, gente que ama o mar. Sonhando sempre com um porto. Tanto é essa paixão que o ex-governador Dinarte Mariz, passeava sempre na Lagoa Pampulha, satisfazendo esse desejo como se tivesse em frente ao mar. A mineira Maria do Carmo Geronimo de Itajubá, a mulher mais velha do Brasil com 125 anos, tinha um grande desejo de ver o mar. Sua vontade foi satisfeita pelo prefeito

César Maia; levada a Praia de Copacabana, deslumbrada com o mar, disse: Agora só falta ver DEUS. Gente de Minas tem um pouco de Irlandês, e um pouco de Texano, gente simples, às vezes cheio de esquisitice, faz política na conversa ao pé do ouvido. Frei Beto, escritor mineiro, profundo conhecedor da gente mineira, num artigo (Ser Mineiro) diz que a diferença entre o mineiro e o suíço é que o primeiro chega antes, e o suíço na hora. Antigamente o mineiro se diferenciava da gente de outros Estados pelo terno de brim caqui (amarelo escuro) feito em Itajubá. Sendo objeto de gozação, como aquela, que o mineiro compra bonde a reboque dos paulistas. Cornélio Pires, grande humorista paulista, conta em seu livro (Meu Samburá) que o mineiro era diferente do paulista na seguinte anedota: - Chega na Estação Ferroviária 1 hora antes, um senhor de brim caqui, aproxima-se do guichê, enfia a mão no bolso, tira um maço de notas e pede uma passagem de terceira classe. Na hora do trem partir um senhor almofadinha de gravata borboleta, agitado e nervoso, pede uma passagem de primeira classe. O caixa diz que só tem de terceira, então o senhor responde: - Requisite um vagão de primeira. No Estado de Minas Gerais que se deu o líder da Inconfidência Mineira, chamando a si toda a responsabilidade da Inconfidência, ele é enforcado, dando prova de seu patriotismo, o seu nome é José da Silva Xavier (Tiradentes), condenando pela Rainha Maria I, de Portugal. Enforcado em praça pública e esquartejado, sua cabeça foi exposta na praça de Vila Rica, hoje Ouro Preto. A reabilitação de Tiradentes pelo Presidente de Portugal Mário Soares, muito parecido com o de Galileu a tantos e tantos anos pelo papa. No campo cultura, Minas Gerais é um grande laboratório, onde saíram tantas inteligências que marcaram a vida nacional. Como escritores, poetas, médicos, cantores, inventores, cientistas, teatrólogos, compositores e esportistas. Entre os poetas temos: Oto Lara Rezende, dono da frase “o mineiro é solidário ao câncer” e Carlos Drummond de Andrade; escritores: João Guimarães Rosa, Pedro Nava e Frei Beto; cantores: Aguinaldo Timóteo, Milton Nascimento, Nelson Nedi e Clara Nunes; compositores: Atal Ufo Alves e Ari Barroso; cientista: Carol Chagas, descobridor do mal de chagas (transmitido pelo bicho Barbeiro); representando a televisão: Elke Maravilha, filha de pais russos, que fora criada na zona rural de Minas Gerais. Ela narra o seu tempo de criança na roça, demonstrando suas raízes profundas nas terras de Minas Gerais; médico Dr. Randas Vilela Batista, 49 anos. Expulso de um pequeno hospital por ter dado assistência a um paciente de trajes inadequados. Médico interno, indo trabalhar num pequeno hospital em Campina Grande do Sul, no Paraná. Neste hospital desenvolveu uma técnica cirúrgica, operação do coração; hipertensão produzido pelo mal de chagas, reduzindo o peso do coração.

O sucesso foi tão grande que repercutiu nos meios científicos dos Estados Unidos, sendo convidado para mostrar suas técnicas lá. Perguntando a ele se fosse convidado para participar da equipe na operação do Presidente da Rússia WELTSIN, ele aceitaria, disse que sim. Esporte, no futebol a grande figura do Rei Pelé, o maior jogador de todos os tempos, hoje ministro do esporte Edson Arantes do Nascimento; Tostão e Heleno de Freitas. As andanças dos mineiros, faz parecer um pouco do povo cigano, só que nas suas andanças procura sempre um lugar para se fixarem e trabalhar. Nos anos de 50, o mineiro de Caxambu, Clóvis Faria Barbosa, já tinha ido aos Estados Unidos, voltando ao Brasil, Paraibuna atraiu-o e aqui se estabeleceu sendo vereador por duas vezes, fundador do Sindicato Rural, ex-presidente da Câmara Municipal de Paraibuna e presidente da Cedrap. Naquela época os habitantes da cidade de Governador Valadares nem sonhava em ir aos E.U.A., hoje ela é a região que vai mais mineiros aos Estado Unidos; a cidade ganhou investimentos em dólar, na compra de apartamentos, sítios, chácaras e etc. Antes era grande privilégio ir aos Estados Unidos, agora é o caminho da roça dos mineiros. A pequena cidade Flamorgha é a que tem mais mineiros e a língua portuguesa é mais falada que a Inglesa. A cidade de Paraibuna tem muito das Minas Gerais, principalmente pelo bucolismo de suas paisagens. Juiz de Fora tem um rio com o nome de Paraibuna. Parodiando o Antonil, no roteiro sobre o Rio Paraibuna de Juiz de Fora, no capítulo III do livro de Pedro Nava, “Baú dos Ossos”; o mesmo poderia ser dito do nosso Rio Paraibuna. Da roça dos Calazans se vai a de Benedito Monteiro da Silva, daí a roça de Clovis Faria Barbosa, a de Dr. Olímpio e dessa roça a de Geraldo Alvarenga e donde passa a roça de Alberto Carneiro Pinto. Em todas essas andanças se vai sempre a vizinhança do Rio Paraibuna. O que Minas tem e não tem, Juiz de Fora, Ouro Preto e Mar da Espanha. O que Paraibuna tem e não tem, Cachorro Sentado, Cuba, Ilhéus e Porto. Nem a distancia geográfica deixou os mineiros de Paraibuna distantes de sua Terra Natal. O Bairro de Nossa Senhora dos Remédios, o lugar mais alto de Paraibuna (de 800 a 900 metros de altitude acima do nível do mar). Lá eles podem ver a olho nu, em tempo limpo, uma visão panorâmica maravilhosa. A Pedra do Baú em campos do Jordão e as montanhas divisando entre o Estado de São Paulo e Minas Gerais, e também as luzes de São José dos Campos. Numa enorme montanha de pedra perto da igreja de Nossa Senhora dos remédios tem um cruzeiro e um farol instalado pela Cedrap, como ponto de referencia do nosso município. É pena não ter preservado ao menos 1 alqueire de terra em redor da igreja, pois agora ela está em volta da plantação de eucalipto. Lugar riquíssimo em paisagens, próprio para turismo. Nas Lages da Igreja dos Re-

médios da lado do terreno de Antônio Ribeiro Costa, uma caverna. A atração que os mineiros sentiram por Paraibuna, foi lá pelos anos de 1915, quando Minas mandou para cá um dos primeiros representantes na pessoa de José Joaquim Almeida. Natural do Sul de Minas da cidade de Paraisópolis; comprando a fazenda do Porto que pertenceu ao médico Dr. Porto que morava em Ribeirão Preto (925 alqueires por 70 conto). Deslumbrado pela riqueza das terras, matas e mananciais de água, e o alto padrão de produtividade; voltando a Minas contou aos parentes e amigos as vantagens das terras de Paraibuna. Foi então que começaram a vir as primeiras famílias, como a de: Custódio Reno, Joaquim Machado e João da Mata em 1916, Joaquim Justino Pereira (Joaquim Pereira) em 1918, e outros como: Miguel Albano, José Vaz, Caetano Ribeiro, Joaquim Barbosa, Cândido Barbosa, Oscar Leite Vilhena, João Olímpio de Almeida, José Silvino Ribeiro, José Simões de Almeida, Antônio Luíz de Tavares da Silveira, Joaquim Rocha Leão, Joaquim Alvez, José Augusto Guimarães Pinto, Manoel Guimarães Pinto, Dr. Filipe de Melo, Adolfo Mendes, José Sebastião Gonçalves, Pedro Mota, Amador Celeste, Milton Faria Barbosa e Levindo de Brito (cirurgião dentista). Quando as primeiras famílias mineiras chegaram em Paraibuna, ainda estava no ciclo da cana de açúcar e do café. Com sua presença passou ao ciclo da pecuária leiteira e bovinos, eles trouxeram também hábitos de sua terra como na alimentação, pratos típicos: Tutu de feijão, torresmo, virado de couve, virado de queijo, bolo de fubá com queijo e também o linguajar diferente. Até o neologismo da palavra MANAPA que significa uma pessoa sempre comprando por um preço e vendendo por menos. O povo paraibunense acolheu carinhosamente as famílias mineiras. Houve perfeita integração entre os mineiros e paraibunenses. Hoje podemos dizer que 70% a 80% da população é mineira ou descendentes de mineiros. O meu maior orgulho é ser Paraibunense e filho de mineiro.

TERRA DÁDIVA, UM PRESENTE DE DEUS

Desde o começo do Cristianismo a terra era considerada a coisa mais sublime dos povos. Deus deu a “Moisés a terra prometida”, ele percorreu o deserto 40 anos com seu povo para livrar-se do jugo dos egípcios, e morreu antes de tomar posse, por designo do Senhor. Na época das grandes descobertas dos navegantes, portugueses e espanhóis, a terra era a coisa mais amada e sonhada pelos navegantes. Ela é a maior escola do mundo, aceita como aluno todos sem distinção de raça, cor e analfabetos, para aprenderem suas lições e precisa que vivam intensamente como ela participando dos trabalhos rurais. Nas primeiras letras de sua cartilha alfabética nos ensina: quando caíres em um buraco, marque aquele lu-

gar, e não caias pela segunda vez. Isto nos ensina que devemos errar uma só vez e que no decorrer de nossas vidas estamos sujeitos a traições e armadilhas, e que devemos ficar precavidos. Na segunda, que nunca devemos subir um morro em linha reta, pois podemos ficar cansados no meio do caminho, isto nos mostra que não devemos ficar afoitos para alcançar logo nossos objetivos na vida, pois numa subida rápida podemos cair também rapidamente. Na terceira nos aconselha que devemos contornar o morro, seria mais demorado, mas seguro e os contornos são os mesmos que devemos seguir no curso de nossas vidas: compreensão, paciência e pensar muito nas nossas decisões. Mesmo os rebanhos que pastoreiam aprendem com a terra instrutivamente que devem contornar as montanhas, para chegar ao topo e ter o capim mais verde, e com o tempo deixam os caminhos cheios de volta ao longo das montanhas. Ela está sempre pondo a prova, podendo nos dar em certos momentos grandes tristezas, quando perdemos da noite para o dia toda plantação por uma chuva de granizo, ou uma rês de grande valor, mas faz nos esquecer logo esses momentos tristes quando sentimos o encanto dos verdes das matas, o barulho das cachoeiras e o canto dos pássaros. Ela sempre dando a prova de sua afeição às pessoas e a todos que cercam, no momento da gestação de uma vaca, no processo natural da vida, o bezerro é expelido do útero para a terra deixando a proteção da vaca no seu útero para a proteção da terra, apoia nos tombos para se manter em pé até que se afirme para sugar o primeiro leite, o colostro. Passando assim o bezerro a ter oxigênio que vai respirar, e no capim que vai se alimentar e na água saciar sua sede. Os animais dedicam grandes amores a terra, essas manifestações de afetos nós observamos quando um suíno deitado na lama, um cavalo estirado ao solo virando de um lado para o outro, uma galinha se espojando num monte de terra solta, ou um rebanho em disparada ao longo das pastagens. Tudo isso é uma maneira dos animais manifestarem instintivamente seu amor à Terra – à terra é uma constante doadora, e com isso faz com que o agricultor tenha por ela grande afeição. Com a vivência ela moldura o seu caráter ensinando-lhe a ser simples, honesto e sincero, ela é capaz de dar sua vida quando ela é invadida - e por isso se explica que agricultores do mundo inteiro dão até a última gota de sangue pela liberdade de sua Pátria, como no caso do Vietnã, invadido pelos americanos que foram derrotados e ao mesmo aconteceu aos russos no Afeganistão, onde os afeganes se refugiaram nas montanhas e os russos não conseguiram até agora dominá-los. A terra é uma fonte intensa de liberdade. Num terreno pequeno que seja o agricultor sente a firmeza e segurança. Quanto maior for o terreno, tanto maior a liberdade de andar pelo seu corpo, mas não deixa de ter responsabilidade pelos cuidados com ela, com a boa vizinhança,

com os confrontantes. Isso tudo faz com que o agricultor amadureça e tenha uma filosofia própria de vida. Ela deu grandes estadistas, como o presidente Lincoln que foi lenhador e cientista negro Washington Carvel descobridor da proteína do amendoim. Um grande amor a terra foi dado pelo poeta brasileiro Gonçalves Dias. Quando foi exilado para a África e de lá, expressou em versos a sua grande amargura de viver longe da Pátria no seu famoso poema Exílio.

TEMPESTADE NA ROÇA

O agricultor vê nuvens pretas pelo céu, ele percebe que vai ter trovoadas, para de trabalhar, e sai as pressas; quando chega em casa o céu já está escuro, e o vento começa soprar forte, seguido de relâmpagos. Ele e a sua mulher recolhem as galinhas e os pintinhos nos abrigos com o auxílio das crianças. Agora começa falar alto, dando ordens para se recolherem em casa. O vento aumenta de intensidade com relâmpagos riscando os céus. Dentro da casinha já está tudo escuro, o cachorro se apavora e se esconde embaixo da cama; dentro ninguém se atreve olhar pela janela. A chuva começa entrar pelas frestas das portas. Agora, a tempestade alcança o máximo de sua força, com ventos e relâmpagos, parecendo que aquela casinha rural tão frágil vai voar pelos ares. O agricultor corre de um lado para o outro da casa, puxando a cama das goteiras; a mulher sente o perigo, pega a vela benta e a acende faz o sinal da cruz começa a orar, as crianças apavoradas formam um círculo em seu redor. De momento a momento trovões fazem estremecer aquela casinha, seguido de um rebento seco como uma guasca de um relho, seguido de um longo clarão. Tudo parece que aquela tempestade está pondo à prova aquela casinha solitária. O barulho de ensurdecer, de ventos e trovões, vai agora diminuindo, ouvindo-se o barulho das águas do riacho, que passa perto. Nesse momento o agricultor abre a porta, coloca um saco de estopa nas costas e as crianças acompanham-no seguido do cachorro sacudindo a cauda, pegam os pintos entanguidos, olham a cerca do chiqueiro arrombada pelo córrego. Num instante tudo volta ao normal, as crianças começam a brincar com água, o sol aparece, mostrando a cara no céu, como se nada houvesse acontecido.

NOITE NA ROÇA

Ao entardecer, o agricultor vai chegando em casa, de seu trabalho, com um feixe de lenha nas costas e suas ferramentas. As crianças ainda brincam pelo terreiro, as galinhas procuram reunir os pintinhos esparsos para dormir; a mulher dá as últimas ordens para as crianças se recolherem, já começa a escurecer. Agora o barulho é dentro de casa, com as conversas dos adultos, e as algazarras das crianças; num repente vai silenciando todo o barulho; até chegar no silêncio total naquela casinha rural.

Ouve-se o latido do cão guarda da casa ou seu uivo respondendo ao chamado do companheiro distante. A noite entra adentro, ouve-se o canto estridente de uma ave noturna, o coachar dos sapos numa orquestra sinfônica descompassada. O galo canta três vezes, e começa a madrugada; os pássaros começam a cantar, a vaca berra, aproximando-se no curral, e assim começa um novo dia.

MERCADO, FONTE DA BICA E O CHAFARIZ

Os dados sobre o mercado foram fornecidos pelo seu José Amâncio Diniz (Zé Feitor) com seus 89 anos de trabalho e amor à Paraibuna. Foi ele quem ajudou a abrir a Rua Capitão José Porfirio Silva. Recentemente com seu filho vice-prefeito José Toledo Diniz, espontaneamente reformou todo o encanamento da Fonte da Bica que é um dos patrimônios importantes de Paraibuna: construído na gestão do prefeito Zé Calazans (executor da obra Mauro Mariano Leite) Logo depois desse trabalho José Amâncio Diniz e José Toledo Diniz, conseguiram captar nas entranhas do Morro Rocio (que quer dizer lugar de muito orvalho ou sereno) uma água potável levando-a a Rua Nova e o chafariz do mercado. Esse trabalho de José Amancio Diniz e José Toledo Diniz merecem os aplausos e respeito de nossa população por esse serviço tão importante para a nossa cidade. Ter água limpa e pura para nossa população é um passo importantíssimo para saneamento básico. O chafariz foi inaugurado no dia 13 de junho pelo Ilmo. Sr. Prefeito Municipal Dr. Zélio Machado Santiago. É de grande importância agora que tenha uma pessoa para mantê-la limpa, desde a nascente ao lugar de abastecimento.

MORRO DO ROCIO

I

Morro gigante, eterno protetor de Paraibuna
De ventos fortes e tempestades.
Morro de sereno e do orvalho
Por isso é chamado Morro do Mocio

II

Nas suas encostas, nenhuma casa seja construída,
E sim vegetações rasteiras e matas.
Ao contemplá-lo aos pés de Paraibuna
Na sua grandeza e fortaleza
O povo sente seguro.

III

Entre outros morros em redor
Ele é a força maior, é o rei.
No seu corpo emana,
O ar puro e água para o nosso povo.

SUPERSTIÇÃO

Ó linda Paraibuna
minha cidade querida
cravada no grande vale
é famosa e conhecida
a montanha é o abrigo
da vegetação florida
eu gosto muito das flores
porém uma é preferida
a hortêncica é a flor
que enfeita minha vida
Ao chegar nesta cidade
vi um dito popular
quem beber da água bica
aqui fica para morar
nisso vi uma garota
e com ela fui falar
tomamos água da bica
era noite de luar
logo senti algo estranho
não sei como explicar
Na cidade onde nasci
não consegui mais voltar

com você Paraibuna
é que aprendi a amar
agradeço a Santo Antônio
padroeiro do lugar
também a água da bica
com seu dito popular
principalmente hortênsia
a rainha do meu lar.

PARAIBUNA CIDADE DO AMOR

Paraibuna é o meu paraíso encan-
tado
chão abençoado por Nosso Senhor
ó ex-freguesia de Santo Antônio
Paraibuna cidade do amor
recanto adorado dos filhos teus
presente de Deus ao meu interior
ao amanhecer os raios dourados
do sol majestoso com seu esplendor
aquece a brisa que paira na serra
e cobre a cidade com cheiro de flor.

Morar em Paraibuna é um privilégio
aqui é o colégio da fraternidade
rico ou pobre não há distinção
todos são a mão com grande am-
izade
o gesto mais belo de nossa gente
é pregar o amor e a caridade
na causa mais nobre de ação social
são todos por um sem limite de
idade
nossa juventude está sempre pre-
sente
com força total para o bem da
cidade.

Ó Paraibuna Chão caipira
Você me inspira com seu visual
Vejo os casarões em volta da praça
no velho estilo bem colonial
aqui se mantém tradições e cos-
tumes
reliquia da sua história cultural
na praça o coreto é um lindo pre-

sépio
e as fotos tiradas é um cartão
postal
na igreja matriz a missa do galo
na tão festejada noite de natal.

CURIOSIDADES

- PRIMEIRO NASCIMENTO

O mais antigo nascimento reg-
istrado em Paraibuna, foi no dia
02 de novembro de 1875 (Livro
1, página 1), quando compareceu
em Cartório o Sr. Honorato Me-
deiros dos Santos, para registrar
seu filho Antônio, nascido no dia
02/09/1875 no bairro Lourenço
Velho.

- ÓBITO MAIS ANTIGO

Se deu em 06 de novembro de
1875, uma moça de nome Rita,
com 16 anos de idade, filha legíti-
ma de Fabrício Marcondes dos
Santos e dona Maria das Dores,
residente no bairro Lourenço
Velho.

- O SANTO DA TORRE

O Santo Antônio da Torre da Igreja
Matriz foi esculpido a canivete por
um detento de nome Antônio Ser-
rador; tem 2 metros de altura. A
madeira foi doada por Marcelino
Leonardo Cortez do Prado, da Fa-
zenda São João do bairro Canoas.

VOCÊ SABIA?

Que a primeira imagem de Santo
Antônio da Igreja Matriz veio da
Fazenda do Porto, que pertenceu
ao Dr. Porto. Consta que poste-
riormente foi substituída por outra
imagem que veio de Portugal.
Houve uma grande epidemia em
Paraibuna e a população tomou
como castigo, trazendo novamente
a imagem para a Igreja Matriz.